

PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA EM UMA ESCOLA DO CAMPO DO PARANÁ: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

*FINANCIAL EDUCATION PRACTICES IN A RURAL SCHOOL IN PARANÁ: AN
EXPERIENCE REPORT*

DOI: <https://doi.org/10.24979/ambiente.vi.1666>

Gabriel da Silva Lima

Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR
limagabrielpg@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-8154-8315>

Mariane Isabele Possidonio da Silva

Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR
marianeisabele@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-5886-5531>

Ana Lucia Pereira

Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG
anabaccon@uepg.br
<https://orcid.org/0000-0003-0970-260X>

Resumo: No presente trabalho temos como objetivo apresentar os resultados de uma prática desenvolvida em um Colégio do Campo, na zona rural do município de Ponta Grossa - PR, com 24 alunos do 2º ano do Ensino Médio, por meio de um relato de experiência. A atividade foi dividida em quatro momentos principais: [1] aulas sobre características do mercado nacional e valorização de produtos locais; [2] planejamento de uma horta escolar, envolvendo cálculos matemáticos; [3] construção da horta; [4] discussão sobre custos e orçamentos, refletindo sobre como uma horta caseira pode auxiliar no orçamento familiar. Nossos resultados apontam que a construção da horta foi um exemplo de como os conteúdos escolares podem se conectar ao cotidiano dos estudantes, reforçando o aprendizado de forma concreta. O protagonismo estudantil foi evidente, com os alunos se tornando agentes ativos no processo de construção do conhecimento e na realização das atividades.

Palavras-chave: Práticas de ensino, Educação Financeira, Escola do Campo, Relato de Experiência.

Abstract: The aim of this article is to present the results of a practice carried out at a rural school in the municipality of Ponta Grossa, Paraná, with 24 second-year high school students, through an experience report. The activity was divided into four main stages: [1] lessons on the characteristics of the national market and the value of local products; [2] planning a school garden, involving mathematical calculations; [3] building the garden; [4] discussing costs and budgets, reflecting on how a home garden can contribute to the family budget. Our results show that the creation of the garden exemplified how

school content can be connected to students' daily lives, reinforcing learning in a tangible way. Student protagonism was evident, as students became active agents in the construction of knowledge and in carrying out the activities.
Keywords: Teaching practices, Financial Education, Rural School, Experience Report.

INTRODUÇÃO

A educação do campo enfrenta desafios específicos, exigindo abordagens pedagógicas que integrem o conhecimento teórico à realidade concreta dos estudantes da comunidade rural, levando em conta que cada comunidade possui suas próprias características. No Paraná, as Diretrizes Curriculares da Escola do Campo reforçam a importância de relacionar a prática educacional aos saberes locais:

A cultura, os saberes da experiência, a dinâmica do cotidiano dos povos do campo raramente são tomados como referência para o trabalho pedagógico, bem como para organizar o sistema de ensino, a formação de professores e a produção de materiais didáticos (Paraná, 2006, p.28).

Foi nesse contexto que se desenvolveu a prática relacionada neste artigo, que originou-se na escuta atenta às demandas dos estudantes. Durante o segundo trimestre de 2024, na disciplina de Educação Financeira, a turma do 2º ano de um Colégio do Campo localizado na zona rural de Ponta Grossa - PR, contou com aulas sobre as características do mercado nacional e a valorização dos produtos locais.

A partir da discussão desses temas, os estudantes relataram quais produtos agrícolas e culturas viam nas fazendas da comunidade, bem como naquelas fazendas que serviam de paisagem durante as idas e vindas do ônibus escolar. Nesse contexto, emergiu a ideia de reativar uma horta escolar, que havia sido criada pelos gestores anteriormente (para fornecer hortaliças e temperos para o complemento da merenda escolar), mas estava sem manutenção.

As Diretrizes Curriculares da Escola do Campo do Paraná sublinham a importância da “escuta” dos educandos e da valorização dos conhecimentos dos povos do campo, enfatizando que há uma produção cultural no campo que deve se fazer presente na escola. Os conhecimentos desses povos precisam ser levados em consideração, construindo pontos de partida de práticas pedagógicas na escola do campo” (Paraná, 2006, p. 31).

Após ouvir as sugestões dos alunos, implementamos uma atividade prática na disciplina de Educação Financeira. A proposta envolve a reativação de uma horta escolar,

começando pelo planejamento de sua construção e manutenção. Durante o processo, os estudantes foram incentivados a refletir sobre a relação entre os conteúdos da disciplina e a realidade rural em que vivem, compreendendo como o cultivo de uma horta pode influenciar o orçamento familiar e contribuir para uma alimentação mais sustentável.

Neste artigo, nosso objetivo é relatar a prática desenvolvida, destacando seus principais aspectos e resultados. Nas seções a seguir, apresentaremos o referencial teórico do trabalho, do ponto de vista da Educação do Campo e da Educação Financeira, a metodologia do trabalho e da prática e os resultados alcançados.

EDUCAÇÃO DO CAMPO: CONCEITO E ALGUNS MARCOS HISTÓRICOS

Este capítulo tem como objetivo apresentar de forma sucinta alguns marcos históricos relacionados à escola do campo, bem como explorar seu conceito. Não se busca, de maneira alguma, esgotar o tema nas linhas que se seguem. Trata-se, antes de mais nada, de uma introdução que visa suscitar inquietações, além de fornecer subsídios para a análise da prática que será apresentada.

A “Escola do Campo” surgiu como resposta à negligência histórica da educação rural no Brasil, que, até o início do século XX, era marcada pela precariedade e desvalorização. Embora o país fosse predominantemente agrário, as escolas rurais enfrentavam falta de recursos, infraestrutura integrada e ausência de políticas públicas específicas (MEC, SECAD, 2005).

Impulsionado pelas mobilizações dos movimentos sociais, como MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) e a partir da Constituição de 1988 e da LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) de 1996, foram criadas algumas diretrizes específicas, como a CNE/CEB nº 1, de 2002. Segundo este documento:

A identidade da escola do campo é definida pela sua vinculação às questões inerentes à sua realidade, ancorando-se na temporalidade e saberes próprios dos estudantes, na memória coletiva que sinaliza futuros, na rede de ciência e tecnologia disponível na sociedade e nos movimentos sociais em defesa de projetos que associem as soluções exigidas por essas questões à qualidade social da vida coletiva no país (CNE/CEB 1, DE 3 de Abril de 2002).

Nesses termos, houve uma garantia do acesso universal à Educação Básica para a população do campo, considerando as especificidades rurais. Ou seja, vinculando a escola

às realidades locais, dando o devido respeito ao tempo, aos saberes e à diversidade cultural, social, política e econômica do campo.

Como parte da política de valorização do campo, a educação também é entendida no âmbito governamental como uma ação estratégica para a emancipação e cidadania de todos os sujeitos que ali vivem ou trabalham. E pode colaborar com a formação das crianças, jovens e adultos para o desenvolvimento sustentável regional e nacional. Dessa forma, em especial a partir dos anos 2000, a educação no campo passou a ser vista como uma ferramenta estratégica para o desenvolvimento sustentável e inclusão social desses povos (MEC, SECAD, 2005).

No Paraná, a Educação do Campo também apresentou marginalização, refletindo os mesmos problemas observados nacionalmente. Durante muitos anos, as escolas rurais sofreram com a precariedade. No entanto, a partir dos anos 1990, iniciativas importantes de alfabetização de jovens e adultos surgiram nos assentamentos da reforma agrária, lideradas pelo MST. Essas ações foram desenvolvidas para o avanço do debate sobre a Educação do Campo, tanto em termos práticos quanto teóricos, com o desenvolvimento de materiais didáticos e a realização de seminários (Paraná, 2006).

Para Fernandes (2006), o conceito de Educação do Campo está profundamente ligado às demandas dos movimentos sociais camponeses e à política educacional voltada para os assentamentos da reforma agrária. Diferentemente da visão de educação focada exclusivamente na produção agrícola e no agronegócio, a Educação do Campo é entendida como um processo multidimensional que engloba diversos aspectos da vida no campo, como cultura, economia, trabalho, infraestrutura e organização política. De maneira geral, reforça o autor, o campo não é apenas um setor econômico, mas um território de vida, onde os sujeitos sociais constroem suas existências e promovem o desenvolvimento humano.

As Diretrizes Curriculares da Escola do Campo do Paraná pontuam algumas características importantes da Educação do Campo que se pretende construir. Em relação a concepção de mundo, o documento destaca que “o ser humano é sujeito da história, não está ‘colocado’ no mundo, mas ele é o mundo, faz o mundo, faz cultura” (Paraná, 2006, p.28). Ou seja, destaca o ser humano como sujeito ativo da história, que não é atrasado ou submisso.

O documento fala sobre a concepção de escola, e destaca a realidade como ponto de partida, mas o foco em ampliar o saber. Já os conteúdos devem ser selecionados com base em seu significado para a comunidade. Os métodos devem ligar a ciência ao cotidiano dos alunos. A avaliação deve servir como diagnóstico e acompanhamento do processo pedagógico, identificando aspectos que precisam ser ajustados, mais do que uma simples atribuição de notas. Tudo isso mediado pela escuta e pelo debate, pois “por meio da escuta, será gerado o diálogo e nele serão explicitadas as propostas políticas e pedagógicas necessárias à escola pública” (Paraná, 2006, p.30).

EDUCAÇÃO FINANCEIRA: BREVE HISTÓRICO DA DISCIPLINA NO PARANÁ

A educação financeira é fundamental para capacitar indivíduos a tomarem decisões conscientes sobre suas finanças. Olivieri (2023) argumenta que a globalização, impulsionada pela tecnologia, levou ao consumo desenfreado e à perda de valores culturais, tornando o controle financeiro uma necessidade urgente. A educação financeira, segundo Olivieri (2013, p.49) é:

Uma forma de estar aberto ao processo constante de aprendizagem, desenvolvendo a capacidade integral do ser humano, com o objetivo de tomar decisões, tornar-se responsável pelos próprios atos oriundos do dinheiro para viver bem e equilibradamente. É um processo interno e individual. Só é possível transmiti-la através da vivência e experiência. É a demonstração daquilo que se está praticando. De nada adianta falar uma coisa e praticar outra.

A autora destaca que a educação é uma ferramenta essencial para ajudar as pessoas a gerenciar melhor o dinheiro e enfrentar os desafios impostos pelo consumo excessivo (Olivieri, 2013). No contexto educacional brasileiro, uma das iniciativas de destaque é a implementação da educação financeira nas escolas, coordenada pela Associação de Educação Financeira do Brasil (AEF-Brasil). Essa instituição tem sido uma das principais responsáveis pela execução dos projetos da Estratégia Nacional de Educação Financeira (Enef), estabelecida pelo Decreto nº 7.397/2010 e mais tarde modificada pelo Decreto nº 10.393, de junho de 2020. O objetivo da Enef é promover a educação financeira e previdenciária, contribuindo para o fortalecimento da cidadania, a solidez e a eficiência do sistema financeiro nacional, além de estimular decisões mais conscientes por parte dos consumidores (Brasil, 2020).

No Paraná, a Educação Financeira consolida-se como uma disciplina com 2 horas aulas por semana, para cada uma das três séries do Ensino Médio regular, e também aparece como componente curricular nos anos finais do Ensino Fundamental, para as escolas em tempo integral. Alguns conceitos também são introduzidos, por meio das aulas de Matemática, no Ensino Fundamental. Os professores recebem como orientação curricular os slides interativos propostos no Registro de Classe Online (RCO), pela Secretaria Estadual de Educação do Paraná (SEED-PR).

Segundo Santos e colaboradores (2024), as apresentações de slides da disciplina de Educação Financeira no Paraná se alinham com a Educação Matemática Crítica, ou seja, enfatiza o ensino de matemática como uma ferramenta de reflexão crítica sobre a sociedade, diversificando os ambientes de aprendizagem. No entanto, há uma necessidade de cuidado com as mensagens subliminares nas atividades propostas e no discurso da Educação Financeira, que atualmente foca principalmente no consumo individual. A Educação Financeira pode ser ampliada para incluir discussão coletiva, como a economia solidária.

PERCURSO METODOLÓGICO

O presente trabalho é de natureza qualitativa, e se caracteriza como um relato de experiência, que apresenta reflexões sobre uma prática concebida em razão da 2ª jornada da formação continuada oferecida pela Secretaria Estadual da Educação do Paraná (SEED-PR), que ocorreu no 2º trimestre de 2024, no âmbito do Grupo de Estudos Formadores em Ação, com ênfase no tema “Educação no Campo”. A prática descrita neste trabalho foi aplicada no contexto da disciplina de Educação Financeira com 22 estudantes do 2º ano do Ensino Médio de um colégio estadual do campo em Ponta Grossa, no Paraná.

Com o objetivo de compreender em profundidade a experiência, optou-se pelo estudo de campo, valorizando o ambiente e as narrativas dos alunos como ferramentas essenciais para a construção de significados (Gil, 2002). O diário de classe do professor também foi utilizado como recurso complementar, contendo anotações das aulas, diálogos e fotografias.

Quanto aos aspectos teóricos e metodológicos caracterizados nas Diretrizes Curriculares da Escola do Campo do Paraná, destaca-se que a proposta se encaixa no eixo

temático “Interdependência campo-cidade, questão agrária e desenvolvimento sustentável”. Segundo o documento a “interdependência campo-cidade pode ser problematizada a partir das atividades cotidianas e das necessidades sociais básicas, como alimentação e água potável” (Paraná, 2006, p. 39). A prática está alicerçada em um projeto interdisciplinar, em matemática e em educação financeira, dada a formação acadêmica do professor responsável. No entanto, destaca-se que a prática poderia ser ampliada para outras áreas do conhecimento. A prática pedagógica teve como base a articulação entre conteúdos escolares e o cotidiano dos estudantes, valorizando o saber local e promovendo um contexto prático de aprendizagem.

A descrição detalhada da prática será apresentada na sequência, e é descrita por meio de quatro momentos principais: os fundamentos teóricos; o planejamento; a ação e a reflexão financeira.

OS QUATRO MOMENTOS QUE COMPÕEM A PRÁTICA

A prática pedagógica desenvolvida foi estruturada em quatro momentos distintos, cada um com um papel fundamental para integrar o conteúdo teórico à realidade prática dos alunos do campo, conforme o Quadro 1 abaixo. Ao longo desses quatro momentos, os alunos foram convidados a relacionar os conhecimentos com o contexto rural em que vivem, reforçando a importância de um ensino contextualizado e relevante para suas vidas cotidianas.

Quadro 1: Momentos da proposta

Momento	Descrição
Fundamentos teóricos	Aulas sobre <i>commodities</i> , características do mercado nacional e valorização de produtos locais, conforme a proposta do Registro de Classe Online (RCO) da Secretaria Estadual de Educação do Paraná (SEED-PR), para a disciplina de Educação Financeira do 2º ano do Ensino Médio.
Planejamento	Os estudantes se envolveram no planejamento e construção da horta escolar, utilizando noções prévias e medições e cálculos matemáticos para definir as dimensões e o espaço disponível.
Ação	Atividade prática que consistiu na ação resultado do planejamento anterior.
Reflexão Financeira	Discussão sobre custos e orçamentos, refletindo sobre como uma horta caseira pode auxiliar no orçamento familiar.

Fonte: Autoria própria (2024)

Agora, vamos detalhar cada uma dessas etapas:

[1º momento] Fundamento Teórico

No primeiro momento do projeto, os estudantes tiveram a oportunidade de conhecer e aprofundar conceitos relacionados ao mercado de *commodities* (em português “mercadoria”, são matérias-primas ou produtos comercializados em larga escala), as características do mercado nacional e a valorização de produtos locais. As aulas foram estruturadas de modo a promover a compreensão crítica sobre como o contexto econômico influencia a vida cotidiana.

Em relação às características do mercado nacional, discutimos a importância das *commodities*, em especial, aquelas relacionadas ao agronegócio, como: a soja, o café e a cana-de-açúcar, bem como a forma com que elas impactam a economia brasileira. Os alunos foram convidados a refletir sobre a produção de alimentos em larga escala, os desafios da agricultura familiar e a importância de consumir produtos locais. Essas discussões ajudaram a entender a relevância do setor agrícola e como nossas escolhas como consumidores podem influenciar a produção e o comércio de alimentos.

As aulas foram estruturadas com base no Registro de Classe Online (RCO), da Secretaria Estadual de Educação do Paraná (SEED-PR). A imagem a seguir é uma captura de tela de um dos slides do RCO:

Figura 1 - Captura de tela do Slide 8 da Aula 27 com tema “Valorização dos Produtos Nacionais”



Fonte: RCO SEED-PR (s.d.)

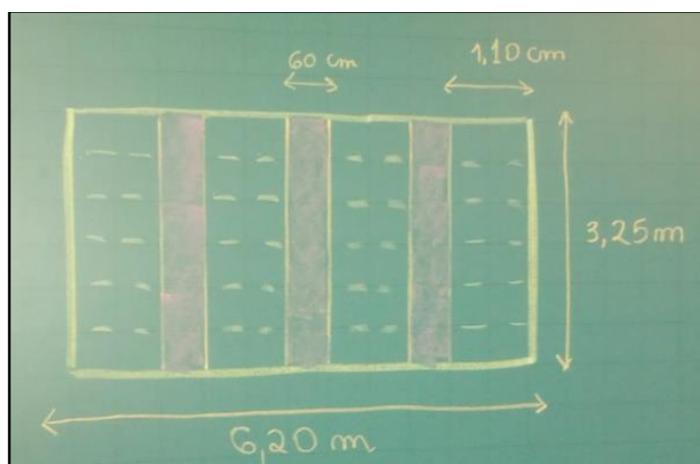
Os alunos falaram sobre suas experiências, compartilhando hábitos alimentares, falando sobre preços de mercadorias e sobre os produtos agrícolas que são produzidos e comercializados nas redondezas, afinal, a maioria desses estudantes são filhos de produtores rurais e trabalhadores do campo. Este momento serviu para gerar engajamento dos alunos em relação ao tema. Foi possível perceber que eles se preocupam com a qualidade dos alimentos que consomem, conhecem a diferença entre alimentos industriais e orgânicos e participam de práticas relacionadas à agricultura familiar.

[2º momento] Planejamento

O segundo momento foi marcado pela etapa de planejamento da horta escolar, ideia originada pelo professor e adaptada em sala de aula, em que os estudantes assumiram um papel ativo na organização do espaço e das atividades. A partir de suas sugestões e observações sobre a horta antiga, que já não estava em uso, os alunos foram incentivados a planejar como uma nova horta deveria ser construída.

Inicialmente, definiu-se o local: a lateral da escola, que tem um amplo espaço disponível, e possuía um solo adequado para esta tarefa. Os estudantes realizaram pesquisas coletivas usando celulares com acesso a *Internet* e conversando com outros professores da escola, e, sugeriram as dimensões conforme a Figura 2 abaixo. Ou seja, quatro áreas de plantio (canteiros) com cerca de 110 centímetros (cm), separadas por um corredor de 60 cm de comprimento. O comprimento total da horta seria de 6,20 metros (m). A largura sugerida seria de 3,25 m.

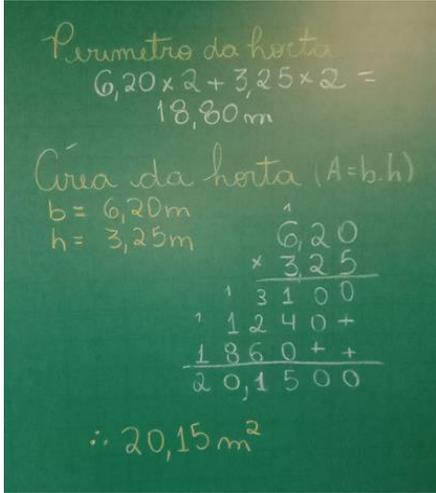
Figura 2 - Planejamento das dimensões da horta



Fonte: Autoria Própria (2024)

Diante do rascunho proposto pelos alunos, um deles fez o desenho no quadro, conforme a figura 2 acima. A interdisciplinaridade foi evidenciada na sequência, com a utilização de conhecimentos matemáticos para medir o perímetro e a área disponível, para calcular a quantidade de mudas necessárias para cada canteiro. Com base nos números do rascunho, calculamos o perímetro e área da horta, conforme a figura 3 abaixo.

Figura 3 – Cálculo de área e perímetro da horta

	<p>Perímetro da horta $6,20 \times 2 + 3,25 \times 2$ $18,80m$</p> <p>Área da horta ($A = b \times h$) $b = 6,20m$ $h = 3,25m$</p> <p>$A = 6,20 \times 3,25$ $20,15m^2$</p>
--	--

Fonte: Autoria Própria (2024)

Os cálculos acima foram verificados após a etapa da ação, para conferir se o rascunho da horta proposto estava adequado ao resultado final. Constatou-se que os números ficaram próximos, com margem de erro de 5 centímetros.

[3º momento] Ação

O terceiro momento foi a execução do planejamento, ou seja, a construção efetiva da horta escolar. Os estudantes, sob supervisão do professor, trabalharam com enxadas, pás e cortadeiras na preparação do terreno, demarcação dos canteiros e plantio de mudas. A figura 4 abaixo mostra alguns deles enquanto preparavam o terreno.

Figura 4 – Estudantes durante a etapa da ação



Fonte: Aatoria Própria (2024)

Os estudantes foram responsáveis por várias etapas práticas, desde o preparo do solo até o posicionamento das plantas de acordo com as orientações do planejamento. Esse momento foi particularmente significativo, pois permitiu que os alunos aplicassem os conhecimentos teóricos numa atividade prática e tangível. A ação de plantar as mudas e cuidar da horta reforçou a ideia de responsabilidade coletiva e o protagonismo dos estudantes, que passaram a administrar o espaço e o tempo disponível. A prática também envolveu o uso de ferramentas agrícolas e técnicas de plantio, o que foi uma oportunidade de aprendizado sobre o trabalho no campo, que muitos deles já vivenciavam em suas casas.

Após o preparo do solo, e o plantio das mudas, conforme a Figura 5 abaixo, os estudantes conferiram as medições do rascunho criado no planejamento.

Figura 5 – Estudantes realizam a conferência das dimensões da horta



Fonte: Aatoria Própria (2024)

Como dito anteriormente, constatou-se que os números ficaram próximos, com margem de erro de 5 centímetros. O que foi considerado como aceitável, devido ao caráter educacional da atividade e a natureza prática do trabalho de campo. Além disso, esse desvio fez com que o professor mediasse uma breve conversa sobre como, em muitos projetos, é necessário lidar com pequenas variações e ajustar os planos conforme os desafios práticos que surgem durante a execução de um projeto.

[4º momento] Reflexão

No quarto e último momento, foi promovida em sala de aula uma reflexão sobre os custos e os benefícios econômicos de manter uma horta caseira. Os alunos discutiram como a produção de alimentos em casa poderia impactar no orçamento familiar, por exemplo, reduzindo custos de hortaliças e promovendo uma alimentação mais saudável e sustentável.

Um aluno ponderou o fato de que o solo não havia sido adubado, e de fato isto não estava no planejamento. A reflexão vinda dos próprios alunos foi de que isso é importante para garantir a qualidade das hortaliças, e alguns alunos comentaram sobre como os seus pais fazem a adubação em casa, a partir das técnicas usando esterco de animais e compostagem de restos de alimentos, cascas de frutas de ovos. Dessa reflexão emergiu uma preocupação comum com a questão dos fertilizantes químicos utilizados, destacando que a compostagem caseira traz benefícios para a saúde, para o meio ambiente e ainda reduz custos.

A reflexão também envolveu uma discussão dos custos para a construção da horta em casa. Chegou-se ao consenso de que os estudantes já tinham a maior parte das ferramentas, como enxadas, cortadeiras e pás. No entanto, aqueles que não tivessem poderiam emprestar dos vizinhos, como foi o nosso caso, em que as ferramentas foram emprestadas de professores e funcionários da escola. O adubo, em vez de comprado, poderia ser feito em casa, a partir de material orgânico, segundo as técnicas que os alunos já conheciam. A mão de obra, que representa um custo impactante em um orçamento, não seria considerada, pois a própria família ajudaria. O custo estaria diretamente vinculado com as mudas de plantas, apesar de que em muitos casos, poderia ser doada por familiares e vizinhos que já possuem uma horta em casa. Concluiu-se dessa forma que, dada a

facilidade da manutenção, ter uma horta em casa é uma excelente forma de economizar, diversificar a alimentação e criar novos *hobbies*.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Inicialmente, os alunos foram introduzidos no conceito de *commodities* e mercado nacional, contextualizando o impacto econômico no campo. Como resultados, eles apresentaram uma compreensão crítica das dinâmicas de mercado e a importância de valorizar produtos locais, expressando suas opiniões sobre a produção agrícola e os hábitos de consumo. Essa reflexão foi enriquecida pelas experiências pessoais dos alunos, muitos dos quais são filhos de produtores rurais, fortalecendo seu vínculo com o conteúdo abordado.

Na etapa do planejamento, eles participaram da elaboração de uma horta escolar, aplicando conceitos matemáticos. Como resultado, os alunos foram capazes de calcular as dimensões da horta e definir a quantidade de mudanças possíveis. Essa etapa também promoveu a interdisciplinaridade, conectando matemática e educação financeira.

No terceiro momento, a ação consistiu na construção da horta, onde os estudantes vivenciaram o processo de plantio e organização do espaço. Como resultado, os alunos não apenas adquiriram habilidades práticas relacionadas ao cultivo de plantas, mas também desenvolveram um senso de responsabilidade e cuidado pelo ambiente. A execução do projeto possibilitou a aplicação de conhecimentos teóricos em um contexto real, reforçando a importância da prática no aprendizado.

No quarto momento, houve uma reflexão coletiva sobre os custos e benefícios da horta, com ênfase em estratégias de economia. Como resultados, os alunos identificaram formas de minimizar os custos, como o uso de adubo caseiro e a colaboração com a comunidade para obter ferramentas e mudas. Essa discussão estimulou uma maior conscientização sobre a sustentabilidade e a saúde financeira familiar, evidenciando a relevância da educação financeira no contexto rural.

As reflexões acima demonstram claramente que esses alunos possuem uma ideia de cooperação comunitária, e que conseguem resolver problemas de maneira autônoma. Nesse caso, isso serviu para minimizar os custos e tornar o projeto viável para qualquer pessoa da comunidade. Além disso, a experiência prática os preparou para enfrentar

desafios futuros, incentivando a busca por soluções criativas e colaborativas em suas vidas diárias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática de Educação Financeira em um Colégio do Campo demonstrou a eficácia de integrar conhecimentos teóricos à realidade dos estudantes rurais por meio da construção de uma horta escolar. Os quatro momentos da atividade proporcionaram um aprendizado significativo, ligando educação financeira, matemática e sustentabilidade ao cotidiano dos alunos.

Os estudantes desenvolveram habilidades de cooperação, responsabilidade e autogestão, refletindo sobre os benefícios econômicos da construção de uma horta caseira e propondo soluções sustentáveis para a comunidade. Essa experiência evidenciou a importância das Diretrizes Curriculares da Escola do Campo, mostrando que a valorização dos saberes locais enriquece o processo de ensino e aprendizagem.

Assim, a iniciativa destacou a relevância de um currículo contextualizado, capaz de formar jovens mais conscientes e preparados para enfrentar desafios, promovendo a aplicação prática do conhecimento para o benefício de suas comunidades.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Casa Civil. Decreto nº 10.393, de 9 de junho de 2020, que revoga o Decreto nº 8.397 de 22 de dezembro de 2010, que instituiu a Estratégia Nacional de Educação Financeira, Brasília, 9 jun. 2020. Disponível em:
<https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/decreto/D10393.htm>. Acesso em: 02 out. 2020.

FERNANDES, B. M. Os campos da pesquisa em educação do campo: espaço e território como categorias essenciais. In: A pesquisa em Educação do Campo. Brasília: Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária, 2006.

MEC, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD). **Referência para uma política nacional de educação do campo: caderno de subsídios**. Coordenação: Marise Nogueira Ramos, Telma Maria Moreira, Clarice Aparecida dos Santos – 2.ed. – Brasília; MEC, SECAD, 2005.

OLIVIERI, M. F. A. Educação financeira. **Revista Eniac Pesquisa**, v. 2, n. 1, p. 43-51. 2013. Disponível em
<<https://ojs.eniac.com.br/index.php/EniacPesquisa/article/view/108.4>>. Acesso em 02 out. 2024.

PARANÁ, Governo do Estado. **Diretrizes Curriculares da Educação do Campo**. Secretaria de Estado da Educação, Superintendência da Educação. Curitiba, 2006.

Disponível em:

<http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/diretrizes/diretriz_edcampo.pdf

>. Acesso em 01 de out. 2024.

RESOLUÇÃO (CNE/CEB 1, DE 3 de Abril de 2002). Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB012002.pdf>. Acesso em: 01 out. 2024.

SANTOS, T. K. dos; HERMANN, W. .; LORIN, J. H. Educação Financeira no Ensino Médio paranaense: um estudo à luz dos Ambientes de Aprendizagem. **Educação Matemática em Revista**, v. 29, n. 84, p. 1-15, 2024.